EFEITOS DE UM TREINAMENTO PARENTAL NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PAIS

Effects of a parental training on parents' educational practices

Efectos de un entrenamiento parental en las prácticas educativas de los padres

https://doi.org/10.5935/2176-3038.20260016

Recebido: 28 mai.2025
Corrigido: 05 jul. 2025
Aprovado: 30 ago.2026

Gabriella Oliveira Tirado[1]
Carolina Kulcsar Caravieri[2]
Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira[3]

Resumo: Diversos fatores podem comprometer o desenvolvimento socioemocional infantil, destacando-se as práticas educativas parentais inadequadas. Intervenções estruturadas baseadas na Análise Aplicada do Comportamento vêm demonstrando eficácia na melhora de repertórios parentais e, consequentemente, na promoção da saúde mental de crianças. Este estudo quase-experimental investigou os efeitos de um programa on-line de treinamento parental, composto por quatro encontros semanais de 60 minutos, sobre os estilos e práticas educativas de 33 mães/responsáveis de escolares do 3º e 4º ano de 15 escolas públicas de Embu das Artes. Foram aplicados o Critério Brasil de Classificação Econômica e o Inventário de Estilos Parentais antes e após a intervenção. O teste de postos sinalizados de Wilcoxon indicou melhora estatisticamente significativa na Monitoria Positiva (p = 0,032) e no escore total do IEP (p = 0,036), bem como tendência à redução de Negligência (p = 0,068). Achados reforçam o potencial de treinamentos breve e de forma remota para aprimorar práticas parentais.

Palavras-chave: treinamento parental; problemas emocionais e comportamentais; práticas educativas parentais.

Abstract: *Several factors can compromise children's socioemotional development, with inadequate parental educational practices being particularly relevant. Structured interventions based on Applied Behavior Analysis have shown effectiveness in improving parenting repertoires and, consequently, in promoting children's mental health. This quasi-experimental study investigated the effects of an online parental training program — consisting of four weekly 60-minute sessions — on the parenting styles and educational practices of 33 mothers/caregivers of 3rd and 4th-grade students from 15 public schools in Embu das Artes. The Brazil Economic Classification Criteria and the Parenting Style Inventory were administered before and after the intervention. Wilcoxon signed-rank test indicated statistically significant improvement in Positive Monitoring (p = 0.032) and in the total IEP score (p = 0.036), as well as a trend toward reduction in Negligence (p = 0.068). Findings highlight the potential of brief and remote training programs to improve parenting practices.*

Keywords: *parental training; emotional and behavioral problems; parental educational practices.*

Resumen: *Diversos factores pueden comprometer el desarrollo socioemocional infantil, destacándose las prácticas educativas parentales inadecuadas. Las intervenciones estructuradas basadas en el Análisis Conductual Aplicado han demostrado eficacia en la mejora de los repertorios parentales y, en consecuencia, en la promoción de la salud mental infantil. Este estudio cuasi-experimental investigó los efectos de un programa de entrenamiento parental en línea — compuesto por cuatro sesiones semanales de 60 minutos — sobre los estilos y prácticas educativas de 33 madres/cuidadores de alumnos de 3.º y 4.º grado de 15 escuelas públicas de Embu das Artes. Se aplicaron el Criterio de Clasificación Económica de Brasil y el Inventario de Estilos Parentales antes y después de la intervención. La prueba de los rangos con signo de Wilcoxon indicó una mejora estadísticamente significativa en la Monitorización Positiva (p = 0,032) y en la puntuación total del IEP (p = 0,036), así como una tendencia a la reducción de la Negligencia (p = 0,068). Los hallazgos refuerzan el potencial de los entrenamientos breves y en formato remoto para mejorar las prácticas parentales.*

Palabras clave: *entrenamiento parental; problemas emocionales y conductuales; prácticas educativas parentales.*

1 Curso de Psicologia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP. Rua Carlos Lisdegno Carlucci, 420. CEP: 05536-000, São Paulo, SP. E-mail: psicogabriellatirado@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0009-2967-0423.

2 Mestrado em Ciências do Desenvolvimento Humano, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Rua Rui Martins, 366. CEP: 03184-010, São Paulo, SP. E-mail: carolinakcaravieri@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2817-6150.

3 Programa de Pós-Graduação em Ciências do Desenvolvimento Humano. Centro Mackenzie de Pesquisa sobre Infância e Adolescência, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Rua Jorge Americano, 141. CEP: 05083-130, São Paulo, SP - Brasil Tel.: (11) 2114-8707. E-mail: mariacristina.teixeira@mackenzie.br ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6096-8414.

1. Introdução

Os cuidadores exercem papel determinante no processo de marcos importantes ao longo do desenvolvimento dos filhos, tanto no que se refere às competências cognitivas, quanto às dimensões emocionais, sociais e comportamentais (Kanda et al., 2022; Linhares & Enumo, 2020; Li, Peng & Li, 2021). Estudos destacam que práticas parentais consistentes e sensíveis estão associadas a melhores desfechos no desenvolvimento das crianças (Axelrod & Santagata, 2021; Givertz, 2015).

As práticas parentais, quando observadas no âmbito das interações familiares, constituem o que se denomina Estilo Parental (Baumrind, 1966; Gomide et al., 2005). Baumrind (1966) identificou três estilos principais: autoritário, permissivo e autoritativo, com base nas dimensões de responsividade e exigência. Com base nesse conceito, Gomide (2005) elaborou um modelo que abrange sete práticas educativas, classificadas em duas categorias principais: positivas e negativas. Entre as negativas, destacam-se: negligência, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico. Por outro lado, as práticas consideradas positivas incluem a monitoria positiva e comportamento moral.

A monitoria positiva refere-se à expressão de afeto, carinho e presença ativa dos responsáveis em momentos de maior necessidade das crianças. Já o comportamento moral é o ensino de princípios como honestidade e justiça, permitindo à criança compreender os limites entre certo e errado. Quanto às práticas negativas, Gomide (2005) descreve a negligência como a omissão diante das demandas dos filhos; a punição inconsistente, como o uso arbitrário de castigos, pautados mais no humor do adulto do que na conduta da criança; a monitoria negativa, como o excesso de controle parental sem abertura para o diálogo; a disciplina relaxada, como a falta de imposição de regras e limites coerentes; e o abuso físico, caracterizado por ações que causam dor, sofrimento ou lesões à criança.

As formas pelas quais os pais conduzem a educação dos filhos influenciam diretamente no seu desenvolvimento (Axelrod & Santagata, 2021). Estudos apontam que práticas parentais disfuncionais estão associadas a dificuldades emocionais e comportamentais, além de comprometimentos na saúde mental ao longo da vida (Kaur & Sanches, 2023; Licence, 2004). Nesse processo, tanto o ambiente escolar, quanto o familiar são considerados primordiais para socialização da criança (Cid & Matsukura, 2015), sendo que os responsáveis se configuram como modelos comportamentais (Zimmer-Gembeck & Skinner, 2016).

A presença de apoio parental está positivamente relacionada ao desenvolvimento de habilidades sociais, mesmo em contextos marcados pela vulnerabilidade socioeconômica (Li, Peng & Li, 2021; Odgers et al., 2012). Estratégias educativas adequadas podem não apenas favorecer o desempenho escolar, como também servir de proteção frente a adversidades emocionais e sociais (Coelho & Murta, 2007; Gomide et al., 2005; Moral-Garcia et al., 2020; Qin et al., 2021). Dessa forma, práticas educativas inseridas em programas de orientação parental podem impulsionar transformações positivas nos comportamentos de indivíduos neste período da vida (Benites et al., 2021). Nesse contexto, programas de orientação parental têm se mostrado eficazes na promoção de práticas educativas positivas e na redução de comportamentos problemáticos em crianças Benedetti, Rebessi & Neufeld, 2020).

No Brasil, destacam-se os estudos de Bolsoni-Silva e colaboradores, que desenvolveram e avaliaram programas de treinamento parental baseados na Análise do Comportamento Aplicada. O programa Promove-Pais, por exemplo, demonstrou eficácia na redução de problemas de comportamento infantil e na promoção de habilidades sociais educativas parentais (Bolsoni-Silva & Fogaça, 2018; Bolsoni-Silva, Loureiro, & Marturano, 2016)

Apesar dos avanços, ainda existem lacunas na literatura, especialmente no que diz respeito à eficácia de programas de treinamento parental em diferentes contextos culturais e socioeconômicos. A maioria dos estudos concentram-se em populações específicas, sendo necessária a ampliação das pesquisas para diversos grupos sociais e culturais, a fim de garantir a generalização e efetividade das intervenções (Serra-Pinheiro, Guimarães & Serrano, 2005).

Diante disso, este estudo visa analisar os impactos de um programa de treinamento parental baseado na Análise do Comportamento Aplicada nas práticas educativas de pais de escolares da rede pública.

2. Objetivo

2.1. Objetivo geral

Verificar os efeitos de um programa de treinamento parental, baseado na Análise do Comportamento

Aplicada, sobre a influência das práticas educativas parentais dos pais ou responsáveis de crianças do ensino fundamental da rede pública.

2.2. Objetivos específicos

a. Verificar os efeitos do treinamento parental sobre as práticas educativas parentais;
b. Explorar a avaliação dos pais sobre o treinamento recebido.

3. Contribuições Bibliográficas

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é um campo da psicologia baseado nos princípios do behaviorismo radical, voltado para a aplicação sistemática de intervenções com o objetivo de modificar comportamentos socialmente relevantes (Cooper, Heron & Heward, 2007). Fundamentada em técnicas como reforçamento diferencial, extinção, punição e controle de estímulos, a ABA tem sido amplamente utilizada em contextos clínicos, educacionais e familiares.

No âmbito das práticas parentais, a ABA é aplicada por meio do Treinamento de Pais (*Behavioral Parent Training, BPT*), que visa ensinar cuidadores a manejar de forma eficaz os comportamentos infantis, reforçando condutas pró-sociais e diminuindo aquelas disfuncionais (Axelrod & Santagata, 2021). Esses treinamentos incluem componentes como instrução verbal, modelagem, ensaio comportamental e feedback, que caracterizam o Treinamento de Habilidades Comportamentais (*Behavioral Skills Training – BST*), uma prática baseada em evidências dentro da ABA.

Revisões sistemáticas e estudos experimentais apontam que programas de treinamento parental baseados na ABA apresentam alta eficácia na redução de comportamentos externalizantes e na promoção de competências socioemocionais infantis (Axelrod & Santagata, 2021). No entanto, seu acesso ainda é limitado por fatores como custo, exigência de especialistas e dificuldades logísticas – especialmente em países de renda média e baixa (Arredondo-Urtiz et al., 2023).

Leme, Bolsoni-Silva e Carrara (2009) reforçam que o uso de estratégias acessíveis, como intervenções breves, remotas e com linguagem simples, são caminhos promissores para expandir o alcance dos programas de treinamento parental no Brasil. Ainda são necessárias pesquisas que avaliem sua eficácia em contextos diversos, como populações de baixa renda, áreas remotas ou com menor escolaridade dos cuidadores.

Dentre as práticas recomendadas para promover o desenvolvimento infantil positivo, destacam-se: explicitar deveres e direitos, organizar rotinas consistentes, definir limites coerentes, supervisionar adequadamente as atividades diárias, equilibrar proteção com estímulo à autonomia, oferecer recursos para aprendizagem, construir um ambiente afetivo e encorajador, servir como modelo positivo de envolvimento com tarefas, manter o diálogo constante, exigir de forma proporcional ao desempenho, contextualizar teorias com experiências práticas, incentivar atividades lúdicas e demonstrar interesse genuíno pela vida da criança (Das et al., 2023; Soares et al., 2004).

4. Metodologia

O presente estudo adotou um modelo quase-experimental, com o objetivo de investigar os efeitos de um programa de treinamento parental sobre práticas educativas de pais de crianças do Ensino Fundamental I. A pesquisa foi realizada no município de Embu das Artes, situado no estado de São Paulo.

A seleção da amostra foi realizada por conveniência. Foram selecionadas 15 escolas da rede pública municipal, nas quais foram distribuídos 532 convites impressos direcionados aos pais ou responsáveis de crianças regularmente matriculadas no 3º ou 4º ano do Ensino Fundamental I. Após o retorno de parte dos convites e reforço por contato telefônico, 165 responsáveis manifestaram interesse em participar da intervenção. No decorrer do processo, 83 participantes concluíram a etapa inicial de coleta de dados. Desses, 73 completaram a segunda fase e, ao final, 33 pais ou responsáveis participaram de todas as etapas da pesquisa, incluindo a intervenção e os momentos de avaliação (pré e pós-teste), atendendo ao critério de frequência mínima de 75% nas aulas.

Foram adotados como critérios de inclusão a participação prévia no estudo de Souza (2024) e o fato de serem responsáveis por crianças matriculadas regularmente no 3º ou 4º ano do Ensino Fundamental I da rede pública municipal de Embu das Artes. Foram enquadrados dentro do critério de exclusão os responsáveis por crianças com diagnóstico ou suspeita de transtornos do neurodesenvolvimento ou síndromes genéticas, com base nos relatos dos próprios

cuidadores e registro no prontuário da escola, como alunos com necessidades educacionais especiais.

Participaram 33 cuidadores, todos do sexo feminino, com média de idade de 37,2 anos (DP = 6,12). A maioria possuía ensino médio completo (57,5%) e estava inserida nas classes econômicas C1/C2 (63,6%), de acordo com os critérios da ABEP. Observou-se que 78,8% das participantes afirmaram interagir com os filhos por meio de brincadeiras, com média de 6,59 horas semanais (DP = 3,61), de acordo com a Tabela 1. Esse predomínio feminino entre os participantes é coerente com achados de estudos anteriores que investigaram intervenções semelhantes, os quais também identificaram maior engajamento materno nos programas de orientação parental (Altafim et al., 2024; Davison et al., 2018; Tully et al., 2017).

Tabela 1 - Caracterização dos informantes.

	Participantes da intervenção (n=33)	
Características da amostra	**N**	**%**
Idade	(Média 37,2 / D.Padrão 6,12)	
Sexo		
Feminino	33	100%
Masculino	0	0
Tipo de relação com a criança		
Mãe/Pai	32	97,0%
Avô/Avó	1	3,0%
Outros	0	0
Nível educacional		
Ensino Superior	8	24,2%
Ensino médio	19	57,5%
Fundamental II	2	6,1%
Fundamental I	3	9,1%
Analfabeto	1	3,0%
Classificação socioeconômica		
A	1	3,00%
B1/B2	11	33,30%
C1/C2	21	63,60%
DE	0	0
Brinca com a criança		
Sim	26	78,80%
Não	7	21,20%
Total	***33***	***100%***

Tempo de Brincadeira (horas/semana): Média 6,59 / D.Padrão 3,61

Foram utilizados os seguintes instrumentos: (a) *Inventário de Estilos Parentais (IEP)*, proposto por Gomide (2006), que avalia sete práticas educativas parentais, sendo duas positivas e cinco negativas, possibilitando a classificação do estilo parental por meio de um índice total; (b) *Critério Brasil de Classificação Econômica*, elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP (2021), utilizado para identificar a classe socioeconômica dos participantes; e

(c) um questionário de avaliação do programa, elaborado pela autora, composto por quatro itens avaliativos sobre a didática, os materiais, a comunicação e a experiência geral do participante, utilizando uma escala Likert de cinco pontos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob parecer CAAE: 68434323.1.0000.0084, respeitando todas as diretrizes éticas previstas para estudos com seres humanos.

4.1. Programa de treinamento com pais

A intervenção com pais foi iniciada somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os responsáveis foram alocados em grupos conforme a disponibilidade para participação, com opções de encontros oferecidos ao longo da semana e aos sábados, nos turnos da manhã, tarde e noite. Com base nessa organização, foram constituídos oito grupos de intervenção, compostos por três a cinco integrantes cada (Média = 5; DP = 1,3). A participação no programa ocorreu de maneira voluntária, e a presença foi registrada por meio de lista de chamada.

A fim de favorecer a adesão às sessões síncronas, os participantes recebiam lembretes via WhatsApp um dia antes e também na data do encontro. Quando havia ausência justificada, os responsáveis eram orientados a participar da mesma aula em outro grupo. Esse procedimento foi adotado em conformidade com recomendações presentes na literatura sobre intervenções parentais, que destacam a importância de estratégias que favoreçam o engajamento contínuo dos participantes como forma de potencializar os efeitos positivos do programa (Leijten et al., 2019; Murta, 2007).

O conteúdo do programa de Treinamento de Pais teve como base o protocolo desenvolvido por Souza (2024), com adaptações para o uso com os responsáveis. Para o desenvolvimento do programa de treinamento parental, inicialmente foi realizada uma análise do conteúdo do programa voltado a professores, elaborado por Souza (2024). Essa análise incluiu o estudo detalhado das videoaulas e dos materiais de apoio em formato PowerPoint disponibilizados pela autora. O conteúdo original contemplava temas como definição de comportamentos internalizantes e externalizantes, análise funcional, modificação contextual, uso de reforçadores, estratégias alternativas às práticas coercitivas, além de técnicas de modelagem comportamental. Esses elementos foram preservados e adaptados ao novo contexto voltado aos pais e cuidadores.

As referências utilizadas na construção do material pedagógico para professores – incluindo autores como Achenbach e Eldelbrock (1978) e Moreira e Medeiros (2007) – também fundamentaram a elaboração inicial do conteúdo direcionado aos pais. A essa base, foram acrescentadas referências específicas relacionadas à parentalidade, estilos parentais e estratégias de manejo comportamental infantil, com ênfase em práticas educativas positivas, conforme modelos de Baumrind (1966), Gomide (2006), Faber e Mazlish (2003) e Siegel e Bryson (2016).

A primeira versão do material de apoio foi submetida à revisão por duas especialistas: a própria Souza e uma pesquisadora com expertise em Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Com base nas sugestões recebidas, foram realizadas adequações como a inclusão de exemplos práticos relacionados à rotina familiar dos cuidadores, a simplificação da linguagem técnica para garantir acessibilidade e a incorporação de orientações didáticas sobre práticas educativas positivas. Após a implementação dessas alterações, a versão revisada foi novamente avaliada pelas especialistas, resultando na versão final do programa de treinamento parental utilizado neste estudo.

No primeiro encontro, foi apresentado o cronograma geral do curso, com a definição de temas e datas dos encontros. A aula inicial abordou tópicos como desenvolvimento infantil, práticas educativas voltadas ao estímulo de comportamentos pró-sociais, sinais de problemas emocionais e comportamentais na infância (PEC), e uma introdução aos diferentes estilos parentais. Os conteúdos abordados durante a intervenção encontram-se descritos na Figura 1.

Aula	Programa de Treinamento de Pais
1	Definição de problemas emocionais e comportamentais na infância, estilos parentais e diferentes práticas educativas parentais
2	Como motivar os filhos a terem comportamentos adequados com base na análise do comportamento
3	Identificação de fatores do ambiente familiar, principalmente práticas parentais negativas, que oportunizam problemas emocionais e comportamentais
4	Importância do seguimento de regras

Figura 1 - Caracterização dos informantes.

A segunda sessão teve como foco a introdução aos fundamentos da análise funcional do comportamento. Utilizando exemplos fornecidos pelos próprios pais, especialmente situações com os filhos consideradas desafiadoras.

No terceiro encontro, foram discutidos aspectos do ambiente familiar que favorecem a ocorrência de PEC, com ênfase nas práticas parentais disfuncionais. Introduziu-se o modelo de tríplice contingência (antecedente, comportamento e consequência), apresentando estratégias práticas para modificar o ambiente, como o uso planejado de estímulos antecedentes e reforçadores positivos.

A última aula foi dedicada à importância do seguimento de regras e à forma adequada de apresentar instruções às crianças, promovendo maior clareza e eficácia na comunicação de expectativas comportamentais.

Além dos encontros virtuais, os participantes receberam como material complementar os slides das aulas e uma cartilha elaborada por Nunes et al. (2020), contendo orientações práticas. A pesquisadora manteve-se disponível para esclarecimento de dúvidas por telefone durante todo o processo. Ao final da participação e conclusão de todas as etapas da coleta de dados, os cuidadores que completaram o programa receberam um certificado de participação.

4.2. Procedimento de coleta e análise de dados

Inicialmente, a distribuição dos dados foi examinada por meio do teste de Shapiro-Wilk, a fim de verificar a normalidade da amostra. A caracterização do perfil dos participantes, tanto das crianças quanto dos pais ou responsáveis, foi realizada com base em análises descritivas.

Para a comparação das pontuações obtidas antes e após a intervenção, foi aplicado o teste não paramétrico dos Postos com Sinais de Wilcoxon, apropriado para amostras com distribuição não normal. Além disso, foi conduzida uma análise de correlação de Spearman com o objetivo de identificar possíveis associações entre os escores obtidos no Inventário de Estilos Parentais (IEP).

A avaliação da efetividade do programa de treinamento parental também foi realizada com base em análises descritivas das respostas fornecidas no questionário de avaliação do curso, preenchido pelos participantes após a intervenção.

Foi adotado um nível de significância estatística de $p \leq 0,05$ para indicação de resultados significativos. Valores de p entre 0,06 e 0,07 foram considerados como tendência ou significância marginal, conforme os critérios propostos por Dancey e Reidy (2019). Para a interpretação da magnitude dos efeitos nas análises de comparação de médias com o teste t e nas correlações realizadas, foi calculado o tamanho do efeito por meio do coeficiente d de Cohen, sendo interpretado da seguinte forma: 0,20 (pequeno), 0,50 (médio) e 0,80 (grande), conforme a classificação estabelecida por Cohen (1992).

5. Resultados e Discussão

O objetivo central deste estudo foi avaliar os efeitos de um programa de treinamento parental online, fundamentado nos princípios da análise do comportamento aplicada, sobre as práticas educativas dos responsáveis e seus reflexos no padrão comportamental e emocional das crianças.

Tabela 2 - Comparação dos escores normatizados da versão materna do Inventário de Estilos Parentais entre as fases pré e pós-intervenção.

Escalas do IEP	Antes da intervenção M(DP)	Após M(DP)	Valor de p
Monitoria positiva (MP)	11,1 (1,17)	11,3 (0,918)	0,321
Comportamento moral (CM)	10,8 (1,24)	10,8 (1,37)	0,77
Punição inconsistente (PI)	3,09 (2,23)	2,67 (2,94)	0,163
Negligência (NE)	2,61 (1,84)	2,06 (1,77)	**0,068**
Disciplina relaxada (DR)	2,85(1,99)	2,27 (2,5)	0,17
Monitoria negativa (MN)	6,09 (1,77)	5,88 (1,62)	0,389
Abuso físico (AF)	1,03 (1,53)	1,21 (1,67)	0,408
Pontuação total (IEP total)	6,24 (7,29)	8,12 (8,18)	**0,036**

Legenda: *Estilo parental 'classificação Ótimo'*: IEP total (11-12); MP (12 pontos); CM (11-12); PI (0-1); NE (0-1); DR (0-1); MN (0-2); AF (0). *Estilo parental 'classificação Bom'*: IEP total (5-10); MP (11-12 pontos); CM (10-11); PI (2-3); NE (1-2); DR (1-2); MN (3-5); AF (0-1). *Estilo parental 'classificação Regular'*: IEP total (1-5); MP (10-11 pontos); CM (8-10); PI (4-5); NE (2-3); DR (3-4); MN (6-7); AF (1-2). *Estilo parental 'classificação Risco'*: IEP total (-1 até -27); MP (4-9 pontos); CM (4-8); PI (5-10); NE (4-10); DR (4-9); MN (8-10); AF (3-9).

Na análise das práticas parentais positivas, verificou-se que, na fase pré-intervenção, as médias de monitoria positiva (MP = 11,1) e comportamento moral (CM = 10,8) já se encontravam na faixa de classificação "boa". Após a intervenção, a MP aumentou ligeiramente (M = 11,3), enquanto o CM se manteve estável (M = 10,8), sem diferenças estatisticamente significativas entre as fases (Tabela 2).

Ao observar a distribuição percentual das classificações (Tabela 3), a MP demonstrou melhora expressiva, com um salto de 48,5% para 81,8% de cuidadores classificados como "ótimo" após o programa.

Entre os indicadores negativos de práticas parentais os escores médios de punição inconsistente (PI) diminuíram de 3,09 para 2,67, indicando redução do uso dessa prática, embora sem significância estatística. Para negligência (NE), a média passou de 2,61 para 2,06, também sem diferença estatisticamente significativa, mas com tendência marginal (p = 0,068), sugerindo impacto relevante da intervenção. A disciplina relaxada (DR) apresentou redução de 2,85 para 2,27, mantendo-se na faixa "boa", sem diferença estatística significativa.

Quanto à monitoria negativa (MN), os resultados também apontaram melhora (M pré = 6,09; M pós = 5,88), com mudança de classificação de "regular" para "bom". Já na escala de abuso físico (AF), observou-se um leve aumento (de 1,03 para 1,21), mantendo a mesma classificação, porém sem diferença significativa entre as fases.

O índice geral do IEP apresentou melhora estatisticamente significativa (p = 0,036), com aumento da média total de 6,24 para 8,12. Isso indica uma evolução no conjunto das práticas educativas parentais após a intervenção, ainda que a classificação geral tenha permanecido na faixa considerada "boa".

Tabela 3 - Comparação da classificação das práticas parentais em função do percentual de pais agrupados nesses tipos de práticas comparando as fases pré e pós do estudo.

Escalas do IEP		Ótimo		Bom		Regular		Risco		Total N (%)
		N	%	N	%	N	%	N	%	
Monitoria positiva	Fase pré	16	**48,5**	10	30,3	6	18,2	1	3,0	33 (100%)
	Fase pós	27	**81,8**	5	15,2	1	3,0	0	0	33 (100%)
Comportamento moral	Fase pré	22	**66,7**	5	15,2	6	18,2	0	0	33 (100%)
	Fase pós	20	**60,6**	11	33,3	2	6,1	0	0	33 (100%)
Punição inconsistente	Fase pré	9	**27,3**	14	42,4	0	0,0	10	30,3	33 (100%)
	Fase pós	26	**78,8**	3	9,1	0	0,0	4	12	33 (100%)
Negligência	Fase pré	12	**36,4**	0	0	12	36,4	9	27	33 (100%)
	Fase pós	11	**33,3**	8	24,2	11	33,3	3	9	33 (100%)
Disciplina relaxada	Fase pré	18	**54,5**	8	24,2	4	12,1	3	**9,1**	33 (100%)
	Fase pós	16	**48,5**	10	30,3	1	3	6	**18,2**	33 (100%)
Monitoria negativa	Fase pré	10	**30,3**	5	15,2	10	30,3	8	**24,2**	33 (100%)
	Fase pós	7	**21,2**	0	0	15	45,5	11	**33,3**	33 (100%)
Abuso físico	Fase pré	15	**45,5**	0	0	9	27,3	9	27,3	33 (100%)
	Fase pós	22	**66,7**	0	0	0	0	11	33,3	33 (100%)
Pontuação total	Fase pré	11	**33,3**	11	33,3	7	21,2	4	12,1	33 (100%)
	Fase pós	17	**51,5**	6	18,2	6	18,2	4	12,1	33 (100%)

A Tabela 3 detalha as mudanças percentuais nas classificações de práticas parentais. Verificaram-se avanços nas escalas de MP e PI, com crescimento das categorias "ótimo" e redução substancial na categoria "risco". No entanto, em algumas práticas, como DR e MN, houve aumento no percentual de participantes classificados como "risco" na fase pós-intervenção, o que sugere variações individuais ou limitações relacionadas à duração da intervenção. De modo semelhante, a escala de AF mostrou maior concentração de cuidadores na classificação "ótimo" (de 45,5% para 66,7%), embora o grupo de "risco" também tenha aumentado (de 27,3% para 33,3%).

Por fim, os achados reforçam a literatura que relaciona estilos parentais positivos e suporte emocional a melhores indicadores de saúde mental infantil (Sakuramoto et al., 2014). Rejeição e punição inconsistente por parte dos pais estão associadas a maior vulnerabilidade emocional nas crianças (Simões et al., 2011; Schapuis & Toni, 2022), enquanto comportamentos parentais baseados no afeto, diálogo e estabelecimento de regras consistentes favorecem o desenvolvimento pró-social e emocional infantil (Cid et al., 2015). Os resultados sugerem que, embora as mudanças tenham sido mais evidentes nas práticas positivas e no índice geral do IEP, as transformações em práticas parentais negativas também foram consideráveis.

6. Considerações Finais

Este estudo investigou os efeitos de um programa de treinamento parental, fundamentado nos princípios da Análise do Comportamento Aplicada, sobre os estilos educativos dos responsáveis e os indicadores de saúde mental das crianças. Os dados coletados após a intervenção indicaram melhorias em praticamente todas as práticas parentais avaliadas, tanto positivas quanto negativas. Essas melhorias foram observadas não apenas nos escores médios, mas também nas classificações dos estilos parentais, com aumento da frequência nas categorias "bom" e "ótimo".

Embora tenham sido observados avanços mais expressivos na redução de práticas disfuncionais do que pioras, é importante considerar que a curta duração da intervenção pode limitar a consolidação dessas mudanças. Assim, torna-se necessário o acompanhamento longitudinal dos efeitos e a realização de novas aplicações com aulas mais extensas.

Tendo em vista que práticas parentais negativas, como punições inconsistentes, disciplina permissiva e uso de agressões físicas, são fatores preditivos de dificuldades emocionais e comportamentais em crianças, os resultados aqui apresentados evidenciam a eficácia potencial de intervenções breves e de baixo custo. Nesse sentido, o uso de escolas públicas como estratégia de recrutamento dos cuidadores se mostrou viável e aplicável em contextos socioeconômicos semelhantes ao brasileiro.

Como sugestão para estudos futuros, inclui-se a ampliação do tempo de intervenção; o aumento do número de participantes; a inclusão de estratégias específicas voltadas à diminuição do uso de controle aversivo na prática parental; e a utilização de múltiplos informantes para uma avaliação mais abrangente dos efeitos da intervenção sobre o comportamento infantil.

Referências

Achenbach, T. M., & Edelbrock, C. S. (1978). The classification of child psychopathology: A review and analysis of empirical efforts. **Psychological Bulletin, 85**(6), 1275–1301. https://doi.org/10.1037/0033-2909.85.6.1275

Altafim, S. R. S., & Oliveira, R. D. (2020). Digital parenting program: Enhancing parenting and child development. **Semantic Scholar.** https://www.semanticscholar.org/paper/Digital-Parenting-Program%3A-Enhancing-Parenting-and-Altafim-Oliveira/ecda9e342939e8a778f5613c8ba381cc9bf07b5c

Arredondo-Urtiz, E. M., Díaz Reséndiz, F. J., Franco-Paredes, K., & Fielding, C. (2023). **An overview of technology use for parent training in behavior analytic interventions.** https://scispace.com/papers/an-overview-of-technology-use-for-parent-training-in-ox c2cu2pe1

Associação Brasileira de Empresa de Pesquisa (ABEP). (2021). **Questionário Critério Brasil de Classificação Econômica.** https://www.abep.org/criterio-brasil

Axelrod, M. I., & Santagata, M. L. (2021). Behavioral parent training. In **Applied behavior analysis** (pp. 145–169). Springer. https://scispace.com/papers/behavioral-parent-training-21cpd1ycgh

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. **Child Development, 37**(4), 887–907.

Benedetti, T. B., Rebessi, I. P., & Neufeld, C. B. (2020). Group parental guidance programs: A systematic review. **Psicologia: Teoria e Prática, 22**(1), 399–430. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-3687202000010 0013

Benites, M. R., Cauduro, G. N., Vaz, L. V., Borges, É. P. K., Selau, T., & Yates, D. B. (2021). Orientação a práticas parentais: Descrição de um programa de intervenção individual breve. **Psicologia: Ciência e Profissão, 41**(spe3). https://doi.org/10.1590/1982-3703003192813

Bolsoni-Silva, A. T., Romera-Leme, V. B., & Carrara, K. (2009). Uma análise comportamentalista de relatos verbais e práticas educativas parentais: Alcance e limites. **Psicologia: Teoria e Pesquisa, 25**(2), 223–231. https://doi.org/10.1590/S0103-863X2009000200012

Bolsoni-Silva, A. T., Loureiro, S. R., & Marturano, E. M. (2016). **Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P)**. São Paulo: Hogrefe/Cetepp.

Bolsoni-Silva, A. T., & Fogaça, F. F. S. (2018). **Promove – Pais: Treinamento de habilidades sociais educativas: guia teórico e prático**. São Paulo: Hogrefe/Cetepp.

Breitenstein, S. M., Gross, D., Garvey, C. A., Hill, C., Fogg, L., & Resnick, B. (2012). The Chicago Parent Program: Comparing 1-year outcomes for African American and Latino parents of young children. **Research in Nursing & Health, 35**(5), 475–489. https://doi.org/10.1002/nur.21489

Buchanan-Pascall, S., Gray, K. M., Gordon, M., & Melvin, G. A. (2018). Systematic review and meta-analysis of parent group interventions for primary school children aged 4–12 years with externalizing and/or internalizing problems. **Child Psychiatry & Human Development, 49**(2), 244–267. https://doi.org/10.1007/s10578-017-0745-9

Carr, A., Hartnett, D., Brosnan, E., & Sharry, J. (2017). Parents Plus systemic, solution-focused parent training programs: Description, review of the evidence base, and meta-analysis. **Family Process, 56**(3), 652–668.

Cid, M. F. B., Simões Matsukura, T., & Cia, F. (2015). Relações entre a saúde mental de estudantes do ensino fundamental e as práticas e estilos parentais. **Mundo da Saúde, 39**(4), 504–513. https://doi.org/10.15343/0104-7809.20153904504513

Cid, M. F. B., Fernandes, A. D. S. A., Matsukura, T. S., & Cia, F. (2019). Saúde mental infantil e contexto escolar: As percepções dos educadores. **Pro-Posições, 30**, 1–24. https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8656529

Coelho, M. V., & Murta, S. G. (2007). Treinamento de pais em grupo: Um relato de experiência. **Estudos de Psicologia (Campinas), 24**(3), 333–341. https://www.scielo.br/j/estpsi/a/p46JTwrzpkBwM36jHdmyz3L/?lang=pt

Cohen, J. (1992). A power primer. **Psychological Bulletin, 112**(1), 155–159. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19565683/

Costello, A. H., Maughan, D. R., & Gross, D. (2015). Change in child abuse potential as a predictor of post-assessment child disruptive behaviors after participation in PACE. **Journal of Child and Family Studies, 24**(10), 2989–2998. https://doi.org/10.1007/s10826-014-0102-6

Dancey, C., & Reidy, J. (2019). **Estatística sem matemática para psicologia** (7ª ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.

Das, N., Mandal, R., & Kumar, V. (2023). Parental supervision and its relation with emotional and behavioral problems in secondary school children. **Cureus, 15**(2), e35291. https://doi.org/10.7759/cureus.35291

Davison, N., Birch, L. L., & Rolls, B. J. (2018). The forgotten parent: Fathers' representation in family interventions to prevent childhood obesity. **Preventive Medicine, 111**, 170–176. https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2018.02.029

Dickman, S. L., Himmelstein, D. U., & Woolhandler, S. (2017). Inequality and the health-care system in the USA. **The Lancet, 389**(10077), 1431–1441. https://doi.org/10.1016/s0140-6736(17)30398-7

Dodd, H. F., Nesbit, R. J., & Fitzgibbon, L. (2023). Child's play: Examining the association between time spent playing and child mental health. **Child Psychiatry and Human Development, 54**(6), 1678–1686. https://doi.org/10.1007/s10578-022-01363-2

Emery, L. F., Silverman, D. M., & Carey, R. M. (2023). Conducting research with people in lower-socioeconomic-status contexts. **Advances in Methods and Practices in Psychological Science, 6**(4). https://doi.org/10.1177/25152459231193044

Faber, A., & Mazlish, E. (2003). **Como falar para seu filho ouvir e como ouvir para seu filho falar** (A. Dayan & D. Azrak, Trads., 4ª ed.). São Paulo: Summus.

Fernandes, A. D. S. A., Gini, C. C., Speranza, M., & Gasparini, D. A. (2023). A saúde mental das crianças durante a pandemia da COVID-19: Uma perspectiva de professores de uma Unidade de Educação Infantil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 31**. https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoao272235481

Fernandes, A. D. S. A., Taño, B. L., Cid, M. F. B., & Matsukura, T. S. (2022). A saúde mental infantojuvenil na atenção básica à saúde: Da concepção às perspectivas para o cuidado. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 30**, 1–16.

Fleitlich, B., Cortazar, P. G., & Goodman, R. (2000). Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). **Infanto: Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência, 8**(1), 44–50.

Gardner, F., & Leijten, P. (2017). Incredible Years parenting interventions: Current effectiveness research and future directions. **Current Opinion in Psychology, 15**, 99–104. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28813277/

Gerber, S. J., Sharry, J., & Streek, A. (2016). Parent training: Effectiveness of the Parents Plus Early Years Programme in community preschool settings. **European Early Childhood Education Research Journal, 24**(4), 602–614. https://doi.org/10.1080/1350293X.2016.1189726

Gomide, P. I. C. (2006). **Inventário de estilos parentais: Modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação.** Petrópolis, RJ: Vozes.

Gomide, P. I. C., Salvo, C. G. de, Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. **Psico-USF, 10**(2), 169–178. https://doi.org/10.1590/s1413-82712005000200008

Gomide, P. I. C., & Traple, R. X. da S. (2022). Instrumentos nacionais de práticas parentais: Uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia Argumento, 40**(109). https://doi.org/10.7213/psicolargum40.109.AO06

Holzman, J. B. W., Zahka, N. E., Polaha, J., Karst, J. S., & Wood, B. (2023). Parenting in a pandemic: Preliminary support for delivering brief behavioral parent training through telehealth. **Behavior Modification, 47**(1), 128–153. https://doi.org/10.1177/01454455221103226

Kanda, K., Blythe, S., Grace, R., & Kemp, L. (2022). Parent satisfaction with sustained home visiting care for mothers and children: An integrative review. **BMC Health Services Research, 22**(1), 295. https://doi.org/10.1186/s12913-022-07666-3

Kaur, M., & Sanches, M. (2023). Parenting role in the development of borderline personality disorder. **Psychopathology, 56**(1–2), 109–116. https://www.karger.com/Article/FullText/524802

Laurenzi, C. A., Skeen, S., Coetzee, B. J., Tomlinson, M., & Lund, C. (2022). Critical life course interventions for children and adolescents to promote mental health. **Global Mental Health, 10**, e4. https://doi.org/10.1017/gmh.2022.58

Leijten, P., Gardner, F., Landau, S., Harris, V., Mann, J., Hutchings, J., Beecham, J., Bonin, E., Scott, S. (2019). Meta-analyses: Key parenting program components for disruptive child behavior. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 58**(2), 180–190. https://doi.org/10.1016/j.jaac.2018.07.900

Licence, K. (2004). Promoting and protecting the health of children and young people. **Child: Care, Health and Development, 30**(6), 623–635. https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2004.00473.x

Li, N., Peng, J., & Li, Y. (2021). Effects and moderators of Triple P on the social, emotional, and behavioral problems of children: Systematic review and meta-analysis. **Frontiers in Psychology, 12**, 709851. https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2021.709851/full

Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia (Campinas), 37**, e200089. https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CrYD84R5ywKWBqwbRzLzd8C/?lang=pt

Lucia, S., & Dumas, J. E. (2013). Entre-parents: Initial outcome evaluation of a preventive-parenting program for French-speaking parents. **Journal of Primary Prevention, 34**(3), 135–146. https://doi.org/10.1007/s10935-013-0304-5

Mateo, J. M., Maganto, I., Bartau Rojas, J. P., Serrano Echeverría, R. D., & Martínez, R. D. (2000). **Evaluación de un programa de intervención dirigido a fomentar la participación de la comunidad educativa en los Centros Escolares.**

Matsukura, T. S., Fernandes, A. D. S. A., & Cid, M. F. B. (2012). Fatores de risco e proteção à saúde mental infantil: O contexto familiar. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, 23**(2). https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v23i2p122-129

Moral-García, J. E., Jiménez, A., Ramos-Morcillo, A. J., & García-Cantó, E. (2020). Relationship of parental support on healthy habits, school motivations and academic performance in adolescents. **International Journal of Environmental Research and Public Health, 17**(3), 882. https://www.mdpi.com/1660-4601/17/3/882

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). **Princípios básicos de Análise do Comportamento.** Porto Alegre: Artmed.

Murta, S. G. (2007). Programas de prevenção a problemas emocionais e comportamentais em crianças e adolescentes: Lições de três décadas de pesquisa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20(1), 1–8. https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000100002

Nogueira, S. C., Rodrigues, O. M. P. R., & Altafim, E. R. P. (2013). Práticas educativas de mães de bebês: Efeitos de um programa de intervenção. **Psicologia em Estudo, 18**(4), 599–609. https://doi.org/10.1590/s1413-73722013000400003

Nogueira, S., Altafim, E. R. P., Rodrigues, O. M. P. R., & Linhares, M. B. M. (2022). Group Triple P Intervention effects on children and parents: A systematic review and meta-analysis. **International Journal of Environmental Research and Public Health, 19**(4), 2133. https://doi.org/10.3390/ijerph19042113

Nunes, R. C., Dias, D. S. B., Oliveira, R. J. M., & Castro, L. F. M. (2020). **Educar crianças: Reflexões sobre estratégias educativas parentais**. Santa Maria, RS: UFSM. https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/518/2020/05/Cartilha-Projeto-extensao-grupo-com-pais-online-FINAL.pdf

Odgers, C. L., Moffitt, T. E., Tach, L. M., Sampson, R. J., Taylor, A., Matthews, C. L., & Caspi, A. (2012). Supportive parenting mediates neighborhood socioeconomic disparities in children's antisocial behavior from ages 5 to 12. **Development and Psychopathology, 24**(3), 705–721. https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22781850/

Pandey, A., Hale, D., Das, S., Goddings, A.-L., Blakemore, S.-J., & Viner, R. M. (2018). Effectiveness of universal self-regulation-based interventions in children and adolescents: A systematic review and meta-analysis. **JAMA Pediatrics, 172**(6), 566–575. https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2018.0232

Panter-Brick, C., Burgess, A., Eggerman, M., McAllister, F., Pruett, K., & Leckman, J. F. (2014). Practitioner review: Engaging fathers – Recommendations for a game change in parenting interventions based on a systematic review of the global evidence. **Journal of Child Psychology and Psychiatry, 55**(11), 1187–1212. https://doi.org/10.1111/jcpp.12280

Qin, X., Wang, Y., & Zhou, Y. (2021). The impact of academic achievement and parental practices on depressive symptom trajectories among Chinese adolescents. **Research on Child and Adolescent Psychopathology, 49**(10), 1359–1371. https://doi.org/10.1007/s10802-021-00826-9

Rios, J. B. S., Ferreira, D. F., & Batista, E. C. (2016). Práticas educativas e estilos parentais: Uma revisão bibliográfica da literatura brasileira. **Revista Uniabeu, 9**(21), 17–31.

Salmon, K., Dittman, C. K., Sanders, M. R., Burrows, L., & Hammington, J. (2014). Does adding an emotion component enhance the Triple P–Positive Parenting Program? **Journal of Family Psychology, 28**(2), 244–252. https://doi.org/10.1037/a0035997

Sanders, M. R., Kirby, J. N., Tellegen, C. L., & Day, J. J. (2014). The Triple P–Positive Parenting Program: A systematic review and meta-analysis of a multi-level system of parenting support. **Clinical Psychology Review, 34**, 337–357. https://doi.org/10.1016/j.cpr.2014.04.003

Sanders, M. R., Turner, K. M. T., & Metzler, C. W. (2019). Applying self-regulation principles in the delivery of parenting interventions. **Clinical Child and Family Psychology Review, 22**(1), 24–42. https://doi.org/10.1007/s10567-019-00287-z

Santos, L. C., Moura, M. J. C., Monteiro, S. S., & Oliveira, M. D. (2021). Impactos psicossociais do isolamento social por COVID-19 em crianças, adolescentes e jovens: Scoping review. **Revista de Enfermagem da UFSM, 11**, e73. https://doi.org/10.5902/2179769246952

Savaglio, M., Reupert, A., Kavanagh, A., & Maybery, D. (2023). Targeted community-based programmes for children's mental health: A systematic review and meta-analysis of the Australian literature. **Australian and New Zealand Journal of Psychiatry, 57**(2), 197–212. https://doi.org/10.1177/00048674221124506

Sakumaroto, M., Pinto, A. C. M., & Matsukura, T. S. (2014). Apoio social, estilo parental e a saúde mental de crianças e adolescentes. **Mundo da Saúde, 38**(2), 169–178. https://doi.org/10.15343/0104-7809.20143802169178

Schapuis, S. L., & Toni, C. G. da S. (2022). Práticas educativas parentais como preditoras de capacidades e dificuldades na infância. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental, 11**(2), 81–93. https://doi.org/10.55388/psicofae.v11n2.393

Seabra-Santos, M. J., Pereira, A. I., Lima, I., & Gaspar, M. F. (2016). Incredible Years parent training: What changes, for whom, how, for how long? **Journal of Applied Developmental Psychology, 44**, 93–104. https://doi.org/10.1016/j.appdev.2016.04.004

Siegel, D. J., & Bryson, T. P. (2016). **Disciplina sem drama: Guia prático para ajudar na educação, desenvolvimento e comportamento dos seus filhos** (C. Zanon, Trad.). São Paulo: nVersos Editora.

Simões, S., Farate, C., & Pocinho, M. (2011). **Estilos educativos parentais e comportamentos de vinculação das crianças em idade escolar.** https://www.semanticscholar.org/paper/b8830f471c1702b7df2fb5cc4de352c44449ff8 3

Soares, M. R. Z., Souza, S. R. de, & Marinho, M. L. (2004). Envolvimento dos pais: Incentivo à habilidade de estudo em crianças. **Estudos de Psicologia (Campinas), 21**(3), 253–260. https://www.scielo.br/j/estpsi/a/zkmXhRmpzKZFrQSZnKw3wfj/?lang=pt

Sourander, A., Ristkari, T., Kurki, M., Gilbert, S., Hinkka-Yli-Salomäki, S., Kinnunen, M., Pulkkinen-Råback, L., & McGrath, P. J. (2022). Effectiveness of an internet-based and telephone-assisted training for parents of 4-year-old children with disruptive behavior: Implementation research. **Journal of Medical Internet Research, 24**(4), e27900. https://doi.org/10.2196/27900

Tully, L. A., & Hunt, C. (2016). Brief parenting interventions for children at risk of externalizing behavior problems: A systematic review. **Journal of Child and Family Studies, 25**, 705–719. https://doi.org/10.1007/s10826-015-0284-6

Ward, C. L., Wessels, I. M., Lachman, J. M., Hutchings, J., Cluver, L. D., & Gardner, F. (2020). Parenting for lifelong health for young children: A randomized controlled trial of a parenting program in South Africa to prevent harsh parenting and child conduct problems. **Journal of Child Psychology and Psychiatry, 61**(4), 503–512. https://doi.org/10.1111/jcpp.13129

Yogman, M., Garner, A., Hutchinson, J., Hirsh-Pasek, K., Golinkoff, R. M., Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health, Council on Communications and Media, et al. (2018). The power of play: A pediatric role in enhancing development in young children. **Pediatrics, 142**(3). https://doi.org/10.1542/peds.2018-2058

Zarakoviti, E., Kipourou, D.-K., Nikolopoulos, S., Fanti, K. A., & Kyranides, M. N. (2021). The efficacy of parent training interventions for disruptive behavior disorders in treating untargeted comorbid internalizing symptoms in children and adolescents: A systematic review. **Clinical Child and Family Psychology Review, 24**(3), 542–552. https://doi.org/10.1007/s10567-021-00349-1

Zimmer-Gembeck, M. J., & Skinner, E. A. (2016). The development of coping: Implications for psychopathology and resilience. In D. Cicchetti (Ed.), **Developmental Psychopathology: Risk, resilience, and intervention** (pp. 485–545). John Wiley & Sons.